

Sete semanas de arte contemporânea pelo património de Coimbra

Bienal Antigo museu militar no Convento de Santa Clara-a-Nova é espaço central da exposição, que vai estar em diferentes áreas da cidade, a partir de sábado

Curar e Reparar é o tema da segunda edição do Anozero – Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, que tem início no próximo sábado e decorre durante sete semanas com uma exposição constituída por obras de 35 artistas (19 estrangeiros e 16 nacionais), repartida por diferentes espaços da cidade.

Produzida pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e co-organizada pela Câmara Municipal de Coimbra, a bienal tem curadoria de Delfim Sardo e Luiza Teixeira de Freitas e propõe «um diálogo entre a arte contemporânea e o património multiseccular», em particular no espaço classificado pela Unesco. De acordo com a organização, a bienal, «espalhada por vários espaços da cidade, foi pensada como uma única exposição, com várias estações ou capítulos, num percurso que atravessa a zona histórica da cidade e o Mondego até Santa Clara».

Os 35 artistas que “dão vida” a esta segunda edição do Anozero trazem a Coimbra «propostas muito diferentes», que utilizam os mais diversos media e suportes artísticos, algumas delas criadas propositalmente para a bienal. Alexandre Estrela, Ângela Ferreira, Fer-



Mosteiro é pólo central da Bienal de Arte Contemporânea

nanda Fragateiro, Gabriela Albergaria, Gustavo Sumpsta, Henrique Pavão, João Fiadeiro, João Onofre, Jonathan Uliel Saldanha, José Maças de Carvalho, Juan Araújo, Julião Sarmento, Lucas Arruda e Paloma Bosqué são os artistas que foram convidados a realizar obras inéditas para o evento.

Abienal vai ocupar vários espaços da Alta e da Universidade, mas é a ala Oeste do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova (até há alguns anos ocupada pelo Exército) que foi preparada para receber o pólo central

desta edição, que ocupará também espaços, como o Convento de S. Francisco, Sala da Cidade, Museu da Ciência, Colégio das Artes, Círculo de Artes Plásticas, entre outros palcos «que surgem a pretexto do Anozero», refere a organização. «Os sinos que tocam diariamente na cidade, numa proposta do artista João Onofre, são disso um bom exemplo», lê-se na nota de imprensa da bienal.

Além da proposta central da curadoria, ao longo das sete semanas, o Anozero conta com a

colaboração do projecto Linhas, na programação de teatro e música, e acolherá ainda conferências, cinema, encontros, lançamentos de livros, entre outras iniciativas.

A Bienal de Arte Contemporânea – integrada no projecto Lugares Património Mundial do Centro, promovida pela Turismo Centro de Portugal e com-financiada pelo Centro 2020 -, decorre até 30 de Dezembro, de terça-feira a domingo, das 10h00 às 18h00, com entrada livre nos espaços de exposição. ◀